
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A FIGURA DO INTELLECTUAL AFRO-BRASILEIRO NOS PREFÁCIOS DE *ÚRSULA*, *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS* E *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA*

Marcelo José da Silva (UEL)
marcelojosilva.uel@ig.com.br

RESUMO: Este artigo procura demonstrar a utilização de estratégias como a dissimulação de autoria e a condição de expectador do fato narrado, empregadas no fazer literário do escritor afro-brasileiro. Os apontamentos foram baseados na análise dos prefácios de *Úrsula*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Recordações do escrívão Isaías Caminha* enquanto espaço paratextual e metaficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Paratextos, Maria Firmina, Machado de Assis, Lima Barreto.

INTRODUÇÃO

O principal embate em relação à literatura afro-brasileira refere-se a configuração desta literatura, e no percurso muitas foram as vozes que se fizeram ouvir contra ou a favor. Não obstante a presença da temática negra nos textos literários em prosa ou verso desde tempos remotos, a exemplo dos poemas árcades mineiros do século XVIII, parece estar sempre faltando algo mais para que a literatura afro-brasileira seja reconhecida como uma manifestação artística própria do nosso povo, e possa passar de um “devir”, de um “estar dentro e fora” da literatura brasileira.

Muitos obstáculos são erigidos para garantir a hegemonia, a pureza da representação literária nacional, ou seja, do cânone literário brasileiro. As armas utilizadas nesta batalha nem sempre são justas. As armadilhas são sutis. Utiliza-se o discurso de forma ardilosa para perpetuar o jogo de poder. Uma das maneiras mais claras de observar tal fato é a falácia da não existência de uma literatura afro, do mesmo modo

em que não se reconhece uma literatura feminina, e sim uma Literatura Brasileira. Entretanto, um olhar, mesmo que superficial, é capaz de verificar, pela ausência, que autores afro-brasileiros não são incorporados às nossas histórias literárias.

Há um apagamento destes escritores que pode ocorrer pela pouca divulgação, e conseqüentemente ao esquecimento, como é o caso de Maria Firmina do Reis; ou passa por um processo de esmaecimento de sua pertença étnica ocasionado por um processo de “embranquecimento” ideológico, negando o vínculo textual com a etnicidade afro, como é o caso de Machado de Assis; ou quando consegue resistir a estas situações, como ocorre com Lima Barreto, estes escritores figuram como exceção, uma concessão ao autor, mas não em relação à sua obra, enfatizando seus escritos cuja temática afro não seja explícita.

Faz-se importante rever, e mesmo resgatar tais autores buscando em suas obras não apenas o que foi dito, mas os espaços não preenchidos, os escritos à margem enquanto espaço revelador de seus projetos ideológicos. Com este olhar é que buscaremos identificar nos prefácios de *Úrsula, Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* a postura do intelectual afro-brasileiro frente aos desafios circunstanciais históricos do século XIX e início do século XX. Pretendemos encontrar nestes escritos elementos reveladores do projeto literário destes autores que ao explorarem as regiões marginais de suas obras revelam denominadores comuns que irão configurar o que Candido (2006) denomina de sistema literário.

A RESPEITO DOS PARATEXTOS

Segundo Maingueneau (1996) a utilização de paratextos contribui para oferecer ao leitor uma chave que facilite a compreensão do texto, principalmente quando este texto foge aos padrões vigentes. Os elementos paratextuais servem a diferentes propósitos. Em conjunto tais elementos fornecem importantes pistas acerca da obra e da intencionalidade do autor. Todos eles, tanto os elementos internos – epígrafe, epílogo, ilustrações, notas de rodapés e dedicatórias - quanto os elementos externos – capa, contracapa, orelhas, título do livro e nome do autor – contribuem para a orientação da leitura.

O contato do leitor com o livro, em sua materialidade, antecede o contato do leitor com o texto encerrado no espaço delimitado pelas capas da obra. Sendo assim, os elementos paratextuais externos funcionarão como um convite para que o leitor adentre no espaço do livro. As cores, o desenho, a textura e a fonte de impressão da capa tem a função básica e preliminar de atrair a atenção do possível leitor. Antes de mergulhar no texto o leitor é encantado pelo canto da sereia. Em um segundo momento o leitor efetuará o exame do título do livro, o nome próprio da obra, que por suas configurações editoriais, impresso em tamanho e cores diferentes, possui a função de aumentar a curiosidade do leitor.

A sedução do leitor continua ainda através da apresentação de trechos da obra, citações ou comentários de autoridades na capa do livro. Porém, nenhum dos elementos citados possui maior poder sobre o leitor do que o próprio nome do autor. Como paratexto, a assunção da autoria da obra, exposta no espaço exterior e que antecede a narrativa funciona como elemento legitimador do discurso narrado, unifica as vozes enunciativas e dificulta ao leitor a percepção da noção entre o real e o ficcional, fazendo com que por vezes o ato narrado seja compreendido com base no princípio da verossimilhança e, em outros casos, no âmbito ficcional.

Os elementos internos funcionam como complemento ao texto. Um breve exame no índice situa o leitor na ordem dada aos fatos, auxilia na localização de dados específicos e na decisão sobre ler ou não a obra. Mas são os prefácios, enquanto espaços reservados ao autor, que denunciarão uma elaboração do autor em relação a si, à obra e às suas intenções. Por ser este nosso objetivo é que nos ateremos apenas aos prefácios das obras anteriormente mencionadas.

O PRÓLOGO ENQUANTO ESPAÇO REVELADOR DO PROJETO IDEOLÓGICO DO AUTOR

Maria Firmina dos Reis, autora de *Úrsula*, é considerada em sua terra natal, o Maranhão, a primeira mulher a ter um romance publicado no estado. Seus compatriotas apontam ainda seu romance como o primeiro a ser publicado no Brasil. O título, entretanto, possui outras candidatas. A pesquisadora Luiza Lobo (1993: 224) o confere a Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, que teria publicado um romance em 1845 no Rio Grande do Sul. Anos mais tarde apresenta uma ressalva: “[a obra de Barandas] não é um romance, e sim uma coletânea de contos e poemas” (Lobo 2007: 342). A primazia de autoria do primeiro romance brasileiro escrito por uma mulher não pode ser dada como certa, no entanto, o romance *Úrsula* é apontado por José Nascimento Morais Filho, um dos principais responsáveis pelo resgate e divulgação da obra de Maria Firmina, como o primeiro romance de autoria feminina a abordar o tema da abolição.

Não se trata aqui de discutir o surgimento da mulher no espaço editorial oitocentista brasileiro, e nem tampouco, discutir o pioneirismo da escritora Maria Firmina e sua importância nas questões de gênero no âmbito dos estudos literários ao romper com uma tradição paternalista e eurocêntrica, centrada na figura do escritor branco e de classe média. Interessa-nos abordar sua obra sob um viés étnico, segundo o qual seu romance *Úrsula* é colocado como obra fundadora da literatura afro-brasileira ao lado de *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, do poeta Luís Gama, ambos publicados no mesmo ano como informa Duarte em *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*.

Ao contrário do poeta, a obra de Maria Firmina permaneceu no esquecimento durante muito tempo. Para Muzart (2000: s/n) um dos motivos seria “ter sido [o livro] editado na periferia, longe da Corte”, acrescentando-se o fato de ser de autoria de uma mulher e mulata. Acreditamos que pesa mais sua condição étnico-social do que

seu posicionamento geográfico, já que no mesmo período é possível encontrar publicações de compatriotas seus do sexo masculino.

Outro fator concorre fortemente para explicar a destinação de *Úrsula* aos porões da literatura oitocentista. Segundo o professor Eduardo de Assis Duarte, o assunto explosivo para a época e o tratamento revolucionário que o romance recebeu textualmente, abordando o tema da escravidão por dentro, ou seja, por aqueles que dele participaram, contribuíram para seu apagamento. O discurso de Maria Firmina no romance representa para a época um discurso transgressor que a colocaria, segundo Lobo, ao lado de abolicionistas como “Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Luís Gama, Joaquim Serra, Castro Alves” (Lobo 2007: 339).

Escrito num período em que vozes começaram a se levantar contra a escravidão, numa província escravista como era o Maranhão, publicar um livro denunciando a violência e a imoralidade da escravidão e os maus tratos recebidos pelos negros no Brasil representava a coragem de uma mulher inconformada com as injustiças impostas por uma sociedade patriarcal. A mesma sociedade que a obrigará a fechar, de acordo com Muzart (2000) a primeira escola mista do país, considerada subversiva por permitir que as meninas tivessem a mesma educação destinada aos meninos, o que representava colocar a mulher na mesma condição do homem.

As idéias de Maria Firmina eram avançadas para sua época. Não obstante a sua procedência de uma das castas mais baixas da sociedade e sua condição de mulata, portanto, nem negra e nem branca, a intelectual sempre se colocou avante. E Firmina sabia que seu percurso seria duplamente mais dificultoso, por seu engendramento a partir de questões de gênero e etnia. Consciente dos papéis delegados à mulher, entre os quais não estava escrever, ler e pensar; e sabendo que seu livro passaria pelo crivo masculino, a autora inicia seu prólogo com uma atitude transgressora e desafiadora: “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume” (Reis 2007: 13).

A autora não consegue se desvencilhar das redes que a contem e recorre a sua condição de mulher como forma de ganhar a simpatia do leitor. Para isto explica a gênese de sua escrita apoiando-se na figura da mãe abnegada. Talvez numa tentativa de antecipar-se às críticas negativas que poderiam surgir.

Outra inferência possível do prólogo escrito por Maria Firmina é a tentativa, ao afirmar que seu romance foi gerado pela “imaginação”, de desvincular sua narrativa das denúncias presentes na obra, que acaba por adquirir “foros de romance histórico” (Duarte 2009, s/n) ao relatar as condições a que estavam sujeito os africanos e seus descendentes no Brasil.

O prefácio de Maria Firmina denuncia a situação do intelectual que necessita a todo instante construir estratégias para disfarçar situações sociais e políticas imbricadas em seu discurso. Situação semelhante a verificada em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que Machado de Assis se utiliza do mesmo espaço para desincumbir-se da autoria da obra, apresentando a seguir um novo texto introdutório, que irá figurar

como componente da obra, mas desta vez assinada por Brás Cubas, o personagem/narrador.

No início do primeiro prólogo encontramos algumas considerações que nos permitem comparações com o preâmbulo escrito por Maria Firmina para seu romance *Úrsula*. É possível notar em Machado de Assis um pouco da modéstia, bem ao gosto dos românticos, que se observa em Firmina. Para ele a nova edição da obra deve-se a “alguma benevolência” do público, enquanto para ela seu livro é “mesquinho e humilde”.

O discurso de Firmina denota certo grau de apelo sentimental e reforça sua situação desfavorável enquanto escritora, ainda mais se tratando de seu primeiro romance. Mas não se trata de humildade simples; é algo mais próximo da lógica de Lima Barreto no seu texto; é como se ela dissesse que o texto é humilde porque a autora não tem suporte intelectual; tem um tom de justificativa, mas uma justificativa que a coloca como uma peça menor de uma engrenagem, de um sistema maior, onde ela foi impedida de amadurecer uma obra de arte mais contundente. A culpa parece não ser dela, mas sim do contexto, da sociedade que a negou.

O discurso de Machado de Assis tem muito mais de irônico, do que de apelativo. A situação é diferente. *Memórias póstumas de Brás Cubas* é um romance da considerada “fase adulta” do escritor. Na época de publicação do romance, Machado já é conhecido não só no meio literário, mas também no social, inclusive exercendo cargos políticos. A modéstia expressa por ele aproxima-se mais da cautela, do resguardo, da necessidade de não se expor às vistas em função da posição que ocupa.

Maria Firmina e Machado de Assis situam-se em extremidades opostas no cenário literário da época. Ela é a estreante, a desconhecida; ele é o escritor que já goza de certo reconhecimento. *Úrsula* ensaia seus primeiros passos na literatura brasileira sob os cuidados zelosos da mãe a suplicar: “Deixai pois que a minha *Úrsula*, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias d’arte, caminhe entre vós” (Reis 2007: 14); enquanto Brás Cubas já caminha livremente em sua terceira edição e sem preocupação com a opinião e aceitação do leitor: “se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus” (Assis 2008: 53).

Com uma trajetória bem sucedida, Machado de Assis sai de uma condição social precária, além do fato de ser mulato, e alcança o posto de diretor da Diretoria de Comércio na Secretaria da Agricultura. Ao mesmo tempo em que se firma como escritor, contribuindo para diversos jornais e publicando crônicas, poemas e romances. Da aproximação entre o cidadão e o homem das letras é que iremos encontrar o posicionamento de Machado de Assis em relação aos acontecimentos sociais do período.

Acusado de omissão diante da questão étnica e da crítica ao escravismo, por não ter assumido abertamente uma postura militante no âmbito do movimento abolicionista, ou, por ter criado “uma obra literária totalmente divorciada de suas origens raciais” (Brookshaw 1983: 152), interpretação ainda presente entre aqueles que não reconhecem a condição afro-brasileira do autor, Machado de Assis soube abordar com

parcimônia suas manifestações, tanto no campo literário quanto no social, adotando estratégias de “autor-caramujo”, especialista em disfarces e dissimulações. Sempre encurralado entre a denúncia velada e o embaraço do ser humano que usa toda a sua genialidade para ascender acima de sua condição sem a pretensão de esquecê-la, apagá-la.

Em *Machado de Assis – afro-descendente – escritos de caramujo* (2007), uma antologia de crônicas, poemas e excertos de obras machadianas em que o tema da escravidão e da situação dos afro-descendentes é abordado, encontramos uma prova cabal do envolvimento do autor e da sutileza com que o mesmo trata tais questões. Para o organizador da obra, Eduardo de Assis Duarte, é no texto jornalístico que o cidadão, protegido pelo anonimato ou pelos diversos pseudônimos se manifesta. São nas crônicas que Machado põe em cena a escravidão, discute o futuro dos escravos libertos e denuncia as manobras dos senhores de escravo para garantir a mão-de-obra barata, quando não a perpetuação da escravidão.

Machado de Assis não criou em seus romances nenhum grande personagem negro, como também não o fez com o personagem branco. Ele foge das representações maniqueístas, dos estereótipos do branco/algoz versus negro/vítima. “Se não idealiza o oprimido, tampouco o faz com seus algozes” (Duarte 2007: 270). A verdade é que não se poderia esperar que um mulato, vindo da classe baixa, funcionário público, e, portanto, dependente do Estado batesse no peito, e assumisse publicamente sua militância pela causa do negro e contra a escravidão. Além do mais, como nos deixa saber Magalhães Júnior, Machado de Assis era uma pessoa de temperamento contido: “Não tinha atitudes espetaculares. Faltava-lhe aquela ‘natureza crepitante’ do tribuno e jornalista negro. Não fez da abolição um estribilho, um ritornelo, um refrão de todos os dias” (1957: 166). Aliás, ele era avesso a tais demonstrações públicas e denunciou em muitas oportunidades em suas crônicas os fazendeiros que se aproveitavam da escravidão para se autopromoverem, o empenho pela causa abolicionista mais interesseiro do que caridoso e a falsa filantropia.

Este é o espírito dos dois prólogos colocados no início do romance *Memórias Póstumas*. A começar pelo fato de que Machado de Assis assina apenas o primeiro, como apresentador, para em seguida passar a palavra ao autor-defunto. Uma estratégia habilidosa para um mestre em dissimular através da palavra. Já Brás Cubas, o defunto que passará a relatar sua vida, não precisa preservar nada, ou ninguém. E assume então um discurso irônico e debochado. Nestes prólogos podemos observar como os projetos ideológico e literário de Machado de Assis são condizentes e coerentes com a obra que ele produz. O autor se esconde atrás da fala de Braz Cubas que se revelará no decorrer do romance como pertencente à elite senhorial brasileira do século XIX, e suas memórias estarão pontuadas de situações em que o drama social da escravidão e os maus tratos destinados aos escravos são denunciados. Há de se notar que o protagonista, um pretense senhor de escravos, está morto e é de dentro de seu caixão que ele fala, apenas oito anos antes da assinatura da Lei Áurea.

Os tempos mudam. Veio a abolição e com ela a falsa liberdade. Passado o momento de euforia o afro-descendente brasileiro, negro ou mulato, começa a tomar

consciência de sua situação e de sua condição. Da mesma forma com que Machado de Assis denuncia o eterno 14 de maio em que se encontram os negros libertos, outro autor irá anos depois, denunciar o preconceito e o racismo a que os descendentes de escravos eram submetidos: Lima Barreto. Apesar de viver no mesmo momento histórico de Machado de Assis, e compartilhar da mesma matéria para suas obras: a sociedade e suas mazelas, ele se manifesta de forma diferente. O que difere sua escrita da escrita machadiana, apartado a questão de estilo e correção gramatical, é a forma direta com que ele retrata o mundo que vê.

Menino pobre e mulato, nascido no Rio de Janeiro, Lima Barreto desde cedo foi obrigado a conviver com o preconceito e a discriminação racial. Órfão de mãe aos seis anos de idade teve ainda que suportar a loucura que acometeu seu pai. Com a necessidade de cuidar dos irmãos e do pai enfermo Lima Barreto é obrigado a deixar a faculdade. Em meio a tantas dificuldades e frustrações Lima Barreto começa a beber, vício que o acompanhou até sua morte em 1922.

Sua estréia nos jornais acontece quando ainda era um jovem estudante, sempre protegido por pseudônimos. Segundo Prado (1980), Lima Barreto assume a função de redator em *O Pau* e secretário da *Revista da Época*. Trabalha ainda como jornalista, escrevendo para o *Correio da Manhã* e funda em 1907 a revista *Floreal* onde inicia a publicação, em forma de folhetim, de seu romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Neste período já é possível encontrá-lo militando ativamente na política através dos jornais.

Do posicionamento do homem Lima Barreto ante a tirania e opressão da época e, sobretudo, de seu inconformismo diante da hipocrisia social, resultou o silêncio da crítica em relação ao escritor e sua obra. Como afirma Prado: “poucos, neste país, pagaram tão caro como ele por terem se atrevido a falar em nome do oprimido com a mesma ferocidade do opressor” (1980: 101). Aliás, homem e escritor são entidades inseparáveis em Lima Barreto. Sua obra foi recebida como fruto do ressentimento de um mulato marginalizado e pobre. Tudo era explicado pela trajetória de vida do autor, que insistia em denunciar as questões políticas e sociais, que se revoltava até mesmo contra a língua vernácula e os padrões estéticos.

A consagração de seu trabalho viria a partir do elogio de José Veríssimo à *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, obra que em muito se assemelha à própria trajetória de vida do autor, e que retrata os conluios nas redações dos jornais, e ataca os generais da imprensa o que seria responsável como afirma Silva (1981) pela proibição da figuração de seu nome no jornal *Correio da Manhã* durante 50 anos.

Interessante notar na configuração estética da obra de Lima de Barreto o mesmo expediente utilizado por Maria Firmina, e Machado de Assis: um epílogo em que o autor explica a gênese de sua obra. Mas neste, diferentemente daqueles, o autor não pede desculpas e não se retrai, apenas revela, na voz da personagem, que sua intenção é defender-se das acusações encontradas em um artigo de revista encontrado em sua sala.

A presença do intelectual se faz notar pela utilização da linguagem. Barreto expressa essa condição utilizando citações e referências francesas, lançando mão inclusive de conhecimentos da mitologia grega. Como se não bastasse, o autor apresenta referências pessoais para sua obra, demonstrando seu trânsito no meio acadêmico e editorial: “O meu amigo e camarada Antônio Noronha Santos, indo à Europa ofereceu-se para arranjar, em Portugal, um editor. João Pereira Barreto recomendou-me aos Senhores A. M. Teixeira & Cia., livreiros em Lisboa, com a Livraria Clássica de lá; e elas foram impressas sob as vistas dedicadas do Senhor Albino Ferraz” (Barreto 1998: 17).

Machado de Assis também faz o mesmo, porém com mais força, fazendo pontes de sua obra com obras da literatura ocidental. Marca sua posição com referências a autores e obras estrangeiros: “Se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo”, e afirma sua intertextualidade, inspiração e por que não dizer, sua superioridade: “Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho” (Assis 2008: 52).

Tal condição não pode ser afirmada em relação à Maria Firmina. Pelo contrário, o intróito de Úrsula demonstra que sua condição era bastante diferente. A autora parecia não gozar de uma rede de relacionamentos da qual pudesse se beneficiar. Em relação às suas leituras ela mesma esclarece ao comentar sobre sua condição: “mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, som uma instrução miserável, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo” (Reis 2004: 13).

De volta ao prefácio de *Recordações do escrívão Isaias Caminha*, intitulado Breve Notícia, percebemos que o mesmo, a exemplo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é escrito a duas mãos. Inicialmente fala Lima Barreto, na condição de editor da obra, para agradecer a colaboração para a publicação do livro. Em seguida menciona e publica a crítica de José Veríssimo na oportunidade do aparecimento dos primeiros capítulos na revista Floreal. Intercalado ao seu discurso é a vez de Isaias Caminha, o suposto literato, expor os motivos que o levaram a escrever a obra. O escrívão mostra-se indignado ao encontrar nas páginas de uma revista esquecida pelo Promotor Público da comarca a informação de que pessoas do seu nascimento (negros, mulatos, pobres – o escritor não nos deixa saber com certeza) são pessoas dotadas de pouca inteligência e resolve desconstruir os argumentos apresentados. Surge então a primeira referência à condição do mulato no Brasil da época. É possível perceber nestas palavras a ideologia da supremacia racial, pensamento fortemente difundido no final do século XIX e início do século XX, período em que se inscreve a obra de Lima Barreto, segundo a qual os homens brancos são superiores intelectualmente.

Isaias Caminha recorre às suas memórias, suas recordações do período inicial de escolarização e as confronta com seu “triste e bastardo fim de escrívão de coletoria de uma localidade esquecida” (Barreto 1998: 18) para finalmente concluir que se há

uma verdade nas afirmações do autor do artigo, a responsabilidade recai não sobre os indivíduos de nascimento igual ao seu, mas sobre a sociedade. Esta é a tese defendida por Lima Barreto na voz de Isaías Caminha:

E foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perífrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo; que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos. (Barreto 1998: 19)

Demonstrando o resultado de anos e anos de interditos e silenciamento impostos pela sociedade ao “indivíduo desprovido de tudo, de família, de afetos, de simpatias, de fortuna, isolado contra inimigos que o rodeiam” (Barreto 1998:19). A inércia do indivíduo, que é obrigado o tempo todo a não ser ele mesmo, a não agir, a calar-se, a não se posicionar diante do que vê, põe fim ao seu sonho. Suas ilusões, suas crenças vão morrendo aos poucos. É o que ocorre com Isaías Caminha, e o que provavelmente ocorreu a muitos indivíduos silenciados no período pós-abolição.

No fecho de seu prólogo Isaías Caminha assume a postura dos escritores discutidos anteriormente e pede perdão aos leitores pela pobreza da narração e devolve a voz a Lima Barreto que irá continuar com suas considerações a respeito da obra e de seu amigo Isaías.

Recordações do escrivo Isaías Caminha apresenta um protesto aberto contra um sistema que mantinha fora do seu círculo indivíduos que produziam um discurso dissonante, revolucionário e desagregador da ordem vigente, o que explicaria, de modo bastante simplista, os obstáculos para seu reconhecimento e conservação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras abordadas neste estudo não perdem a dimensão do contexto do campo intelectual brasileiro. Esta forma da narrativa existente na tradição canônica literária, próxima ao relato de experiências, é adotada por Machado de Assis, Lima Barreto e Maria Firmina, o que resgata em suas obras a herança da forma do diário, da confissão, do documento de vida e do memorialismo tão recorrentes na narrativa afro-brasileira.

O fato destes romances estarem circunscritos a um espaço de cinquenta anos (Úrsula – 1859, *Recordações do escrivo Isaías Caminha* – 1909) nos remete à questão do lugar a que se destina o intelectual afro-descendente. Temos três autores cujas obras abordam a condição afro-descendente no período pré-abolicionista, durante a abolição e nos anos que se seguiram. Entretanto todos ocupam lugares distintos no âmbito literário. Machado de Assis, acusado de negar sua condição de pertencimento étnico em razão de sua “profunda erudição e formação cultural antipopular”

(Brookshaw 1983: 154) teve seu reconhecimento como grande escritor, contando inclusive com reedições de suas obras, ainda em vida:

A primeira edição destas *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi feita aos pedaços na *Revista Brasileira*, pelos anos de 1880. Postas mais tarde em livro, corrigi o texto em vários lugares. Agora que tive de o rever para a terceira edição, emendei ainda algumas coisas e suprimi duas ou três dúzias de linha. Assim, sai novamente à luz esta obra que alguma benevolência parece ter encontrado no público. (Assis 2008: 51)

Lima Barreto, sobre quem pesa a acusação de descuido com as normas gramaticais e falta de estilo, apesar do elogio de José Veríssimo em 1907 à simplicidade e sobriedade de sua escrita, permaneceu na obscuridade até os anos 1950 quando foi resgatado por Francisco de Assis Barbosa. O comentário do autor em relação à publicação de *Recordações do escrívão Isaiás Caminha*, inicialmente na revista *Floreal*, da qual era editor, revela suas dificuldades iniciais, e sua dependência da aprovação e colaboração do leitor: “Mais tarde, graças ao *encorajamento* que mereceu a modesta obra do escrívão, tratei de publicá-la em volume. O meu amigo e camarada Antônio Noronha Santos, indo à Europa, *ofereceu-se* para arranjar, em Portugal, um editor” (Barreto 1998: 17; grifos nosso).

Maria Firmina dos Reis apropriou-se da narrativa romântica folhetinesca para demonstrar o seu posicionamento frente a questões de grande repercussão na época. Considerada uma das precursoras da literatura afro-brasileira, permanece ainda desconhecida por grande parte do público, e só agora começa a receber maior atenção da crítica acadêmica em resposta ao seu projeto literário revelado no prefácio de *Úrsula*:

Não a desprezeis [Úrsula], antes amparai-a nos seus incertos e titubantes passos para assim *dar alento à autora* de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir cousa melhor, ou quando menos, *sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras*, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós. (Reis 2004: 14)

Utilizando-se do prefácio os autores buscaram, de certa forma, ampliar o espaço da narrativa, e assim apresentar as condições de produção e interpretação de suas obras, bem como, se desincumbirem da responsabilidade da narração do fato.

Para o leitor a análise dos prólogos, enquanto espaço paratextual e metaficcional, é importante para verificar até que ponto o projeto ideológico do autor é coerente com sua narrativa ficcional, já que ao assinar o texto introdutório o autor confere caráter de veracidade aos fatos, assumindo o papel de testemunha do fato narrado, ao mesmo tempo em que corrobora as palavras do personagem/autor.

OBRAS CITADAS

ASSIS, Machado de. 2008. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre: L&PM.

BARRETO, Lima. 1998. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática.

BROOKSHAW, David. 1983. “A tradição do escritor negro”. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

CANDIDO, Antonio. 2006. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

DUARTE, Eduardo de Assis. 2007. *Machado de Assis afro-descendente: escritos de cara-mujo*. Rio de Janeiro : Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

———. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. (mimeo). Disponibilizado pelo autor.

LOBO, Luíza. 1993. “Auto retrato de uma pioneira abolicionista”. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

———. 2007. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. 1957. Machado de Assis e a abolição. *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MAINGUENEAU, Dominique. 1996. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes.

MUZART, Zahidé Lupinacci. 2000. Maria Firmina dos Reis. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres.

PRADO, Antônio Arnoni. 1980. *Lima Barreto*. São Paulo: Abril Educação.

REIS, Maria Firmina dos. 2004. *Úrsula*. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas.

SILVA, H. Pereira da. 1981. *Lima Barreto: escritor maldito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Brasília: INL.

THE AFRICAN-BRAZILIAN INTELLECTUAL IN PREFACES OF ÚRSULA, MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS AND RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA

ABSTRACT: This paper intends to demonstrate African-brazilian writers' use of strategies such as dissimulation of authorship and the condition of spectator. The analysis were based on analyses of pref-aces in *Úrsula*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* and *Recordações do escrívão Isaías Caminha* as para-textual and metafictional space.

KEYWORDS: Prefaces; Maria Firmina; Machado de Assis; Lima Barreto.

Recebido em 15 de outubro de 2009; aprovado em 30 de dezembro de 2009.